

## A IDADE MÉDIA NOS ESTUDOS RESIDUAIS THE MIDDLE AGE IN RESIDUAL STUDIES

Roberto PONTES<sup>1</sup>

### Resumo:

Sob o tema “Releituras da tradição medieval”, discorreremos a respeito daquelas realizadas por integrantes do *Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural-GERLIC*, que atua desde 1991 no Curso de Letras/Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará-UFC, sendo desde 2001 inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. Destacaremos alguns dos estudos desenvolvidos, pois grande número dos trabalhos publicados por integrantes do GERLIC examinam direta ou indiretamente resíduos do medievo no Brasil. Nossa participação tem por objetivo demonstrar que o caminho mais adequado para estudar a Idade Média no Brasil é focar a investigação nos resíduos desta entre nós, já que não dispomos de fontes primárias medievais brasileiras.

**Palavras-chave:** Teoria da Residualidade, Idade Média, GERLIC, Pesquisa

### Abstract:

Based on the theme “Re-reading of the Medieval Tradition”, we will tell about the re-readings made by members of the *Group of Literary and Cultural Residuality Studies – GERLIC*, which acts since 1991 in the Letters Course/Literature Department of Universidade Federal do Ceará – UFC, and which is registered in the Directory of Research Groups of CNPq. We will point out some of the studies developed by this group because many works published by members of GERLIC directly or indirectly analyze cultural residues of the Middle Age in Brazil. Our participation intends to demonstrate that the most suitable way to study the Middle Age in Brazil is focus the investigation on the residues of this period among us, as we do not have Brazilian medieval primary sources.

**Keywords:** Theory of Residuality, Middle Age, GERLIC, Research.

Sob o tema “Releituras da tradição medieval”, discorreremos a respeito daquelas que têm sido realizadas por integrantes do *Grupo de Estudos de Residualidade Cultural e Literária – GERLIC*, órgão com atuação desde 1991 no Curso de Letras/Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará – UFC, inscrito a partir de 2001 no Diretório de Grupos de Pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq.

Nesta intervenção procuramos destacar alguns dos estudos desenvolvidos, pois um representativo número de trabalhos publicados por integrantes do GERLIC examina,

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Ceará. Pertence à Cátedra Unesco-FACED. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

direta ou indiretamente resíduos do medievo na literatura de Língua Portuguesa do Brasil e de Portugal.

Nossa participação tem por objetivo demonstrar que o caminho mais adequado para estudar a Idade Média no Brasil é focar a investigação nos institutos medievais prevalentes na Península Ibérica, sobretudo Espanha e Portugal, e nos resíduos destes entre nós, já que não dispomos de fontes primárias mediévicas brasileiras.

Diante do grande número de artigos, comunicações, conferências, palestras, participações em mesas-redondas, painéis e seminários, publicados em revistas acadêmicas, atas e anais de eventos no Brasil e no exterior, por iniciativa dos pesquisadores do GERLIC; diante da produção fundamentada na Teoria da Residualidade que já alcançou a marca de 3 teses de doutorado no Brasil (PUC-Rio e UFAM) e 32 dissertações de mestrado no PPGL da UFC; e porque no momento 1 tese de doutorado foi defendida em Portugal na Universidade de Trás-os-Montes e 1 está em preparo na Universidade de Coimbra, a ser defendida por José William Craveiro Torres; e ainda porque no Brasil, na UFAM, foi defendida 1 tese de doutoramento por Cássia Maria Bezerra do Nascimento, e na mesma IFE há 1 dissertação em preparo; e finalmente porque no PPGL-UFC, 4 teses de doutorado e 4 dissertações de mestrado estão em fase final, dá para se ter noção do aparato crítico e ensaístico dado a público através da efetiva atuação dos pesquisadores do GERLIC, sendo impossível fazer um balanço completo, neste momento, de todos os trabalhos que examinam resíduos do medievo quer na Península Ibérica quer no Brasil.

Por este motivo, nos ateremos aos estudos estampados nas páginas do livro intitulado *Residualidade ao alcance de todos* (Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015) organizado por mim e pela professora doutora Elizabeth Dias Martins, com a chancela do GERLIC, que contém 23 ensaios, dos quais apenas 7 não dizem respeito à residualidade medieval. Cabe desde já informar que a escolha dos temas se deu sem nenhuma pauta para a edição. O predomínio dos assuntos relativos ao medievo aconteceu espontaneamente e só chegou a ser notado após composta a primeira prova do volume na fase de revisão.

O primeiro artigo a abordar matéria medieval tem por título “Os amores compostos de Inês de Castro: entre a literatura e o cinema”, e é de autoria da Professora Doutora Auxiliar do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Ana Maria e Silva Machado. No parágrafo inicial de seu ensaio diz a autora: “Por ocasião do ‘Coimbra *in motions*’, tive o gosto de comentar o filme *Inês de Portugal*, que José Carlos de Vasconcelos dirigira em 1997. A flagrante presença das crônicas medievais, confirmada nas notas que encerram o romance homônimo que João de Aguiar escreveu depois de, juntamente com o realizador, ter assinado o argumento do filme, o enfoque original e a arquitetura particular que se desenha conduzem o olhar para a articulação entre os textos patrimoniais que o filme revisita e as novas invenções achadas.” E prossegue a autora: “Pensar esta relação no contexto da *Teoria da Residualidade*, permite mostrar como a figura de Inês de Castro foi conquistando a História e como se foi adensando a partir da Literatura e, mais recentemente, do Cinema.” (MACHADO, 2015, p. 25).

A autora conduz sua análise na densa argumentação que desenvolve, e em três momentos especiais, às pp. 26, 27 e 52, respectivamente, reforça sua compreensão residual da história de Pedro e Inês por ela examinada a partir da crônica de Fernão Lopes; da Literatura, o romance de João de Aguiar; e do filme de José Carlos de Vasconcelos.

Outro ensaio, cujo título é “Residualidade e complexidade em Thiago de Mello: a poesia insubmissa dos *Estatutos do Homem*” é da Professora Cássia Maria Bezerra do Nascimento, Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, que também é Professora Adjunta da referida IFE e pesquisadora do GERLIC. Seu trabalho, com espectro bem amplo revelado no título, destaca a residualidade medieval encontrável na poesia de Thiago de Mello, que mantém o poder de combate do sirventês medieval no século XX. Mas seu estudo também examina esta mesma poesia sob o viés da complexidade esposada por Edgar Morin, e da poesia insubmissa por mim teorizada no livro *Poesia insubmissa afrobrasílusa* (PONTES, 1999).

Cássia Bezerra dedica um tópico inteiro de seu artigo ao exame da “Poesia insubmissa como resíduo medieval na literatura brasileira”. É quando escreve o seguinte: “Para começarmos pelos trovadores, o sirventês corresponde ao *serventois* francês, modo poético medieval praticado na região da Provença, sul da atual França; este modo não tem forma própria, não possui metro, nem estrofação especial. Na origem, de caráter laudatório, consistia numa cantiga elaborada por um *sirven* (servo) em honra do seu senhor. Com o passar dos anos, passou a ter caráter de crítica direcionada à sociedade e passou a servir ao protesto e à polêmica pessoal.” (NASCIMENTO, 2015, p. 58). Páginas adiante, na 61, continua a autora: “A partir da identificação desse modo poético de temática política, originário da Idade Média, podemos dizer que a voz dos inconformados políticos seja um resíduo que se mantém em diferentes épocas das Literaturas de Língua Portuguesa.” E mais à frente, p. 62, diz o seguinte: “No Brasil dos séculos XX e XXI, a razão para uma poesia insubmissa é outra, mas a voz de indignação se repete. Em virtude de muitos serem os poetas que poderíamos enumerar, e de poemas os quais poderíamos utilizar para análise da poesia comprometida, optamos por uma produção mais próxima, que favorece o encontro com o poeta Thiago de Mello.”

Assim situando a poesia do poeta amazonense, passa a estudar o caráter insubmisso de seus versos no famoso poema *Estatutos do Homem*, que transborda no clima da ruptura institucional ocorrida em 1964, pela ditadura militar instaurada no Brasil, poema este que exprime o grito da oposição contra a privação da Liberdade e o cerceamento dos direitos elementares do homem e do cidadão nos tristes “anos de chumbo”, expressão que definiu muito bem o clima de retrocesso iniciado a 1º de abril de 1964. Assim Cássia encontra a articulação residual do sirventês trovadoresco com a poesia insubmissa de Thiago de Mello no século XX.

Elizabeth Dias Martins, doutora em Letras pela PUC-Rio, Professora Associada da Universidade Federal do Ceará, membro do PPGL/UFC e co-líder do GERLIC, comparece às páginas de *Residualidade ao alcance de todos* com um estudo intitulado “Judite: Resíduos de um nome”, que examina duas notas de residualidade medieval no romance de Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, autor de que se ocupou em sua tese de doutorado *Do fragmento à unidade: a lição de gnose almadiana* (MARTINS, 2013).

A primeira nota de residualidade em Almada Negreiros é, segundo a autora, “a manifestada em formulações que equivalem às dos fundamentos e conceitos operacionais da *Teoria*. São inúmeras as passagens, quer nos textos de caráter ensaístico, quer nos textos de criação em que o modernista português deixa clara a sua concepção de tempo unitário, e a da diversificação cultural em face da influência recíproca de todas as culturas. Tais afirmativas podem ser encontradas em textos como “Reaver a ingenuidade” (ALMADA, 1997, p. 923) e “Rosa dos ventos” (ALMADA, 1997, pp. 219-223), respectivamente, confirmadores do que foi afirmado” (MARTINS, 2015, p. 74). E prossegue: “A segunda contribuição compreende a presença de *resíduos* clássicos,

medievais, barrocos e românticos existentes na obra do autor de “Cena do ódio” (...) No romance *Nome de Guerra* vale a pena chamar atenção para a mentalidade ali detectada em relação ao papel da mulher. De acordo com a visão de mundo cristã-medieval, a mulher é um ser subordinado e inferior. Isso se deve à sua descendência de Eva, segundo os clérigos, a origem do pecado original, aquela responsável pela queda da humanidade e a perda do Paraíso edênico. Resíduo dessa mentalidade e o modo como está representada a personagem almadiana de *Nome de Guerra*” (MARTINS, 2015, p. 74). Não pode ser mais clara a ilação realizada por Elizabeth Dias Martins que indica precisamente os resíduos por ela identificados na escrita de Almada Negreiros. Mas a autora não para aí. Continua a apontar os resíduos observados na personagem Judite, prostituta de profissão que se relaciona amorosamente com Antunes, o protagonista do romance. De forma convincente argumenta: “Considerada minoria na Idade Média, juntamente com os sodomitas, os hereges, os judeus e os leprosos, elas, como as demais frações, eram vistas como desvios dos preceitos cristãos, portanto, estavam relacionados ao pecado e, por fim, ao Diabo. Devido ao envolvimento da mulher prostituta nessa atmosfera de pecado e de perigo, essa espécie de profissional era mesmo considerada, ao modo das outras minorias, um ser demoníaco, próximo da carnalidade, personificadora da tentação e do pecado, principalmente se levarmos em conta que o medievo foi período áureo para a Igreja Católica, quando Roma exercia grande poder político e econômico sobre a sociedade, que deveria seguir os preceitos por ela determinados. O campo de guerra permanente armado entre Bem e Mal, Deus e Diabo, Cristo e Anticristo, anjos e demônios, todos, caracterizadores da concepção de mundo maniqueísta em voga na Idade Média, é o que podemos constatar nas páginas do romance em análise. Entre Judite e Maria há universos e concepções semelhantes aos que pontuam o imaginário relativo a Ave e Eva”, assevera Elizabeth Dias Martins à p. 75. E pelas demais páginas de sua análise esta autora continua a traçar paralelos comparativos entre a mentalidade medieval espelhada nas personagens do romance *Nome de Guerra* e a cosmovisão norteadora daquele momento histórico, como acontece às pp. 76, 78 e 80, em proveito da tese que defende.

Maria do Amparo Tavares Maleval, Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo, com Pós-doutorado na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), na USP e na UNICAMP, professora da Universidade Federal Fluminense-UFF e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, nos dá o excelente ensaio “João Cabral de Melo Neto, Gil Vicente e a tradição medieval dos autos natalinos”. Medievalista reconhecida dentro e fora do Brasil, ex-presidenta da Associação Brasileira de Estudos Medievais – ABREM, abre as páginas de sua lavra categoricamente: “João Cabral de Melo Neto, um dos maiores escritores brasileiros do século XX, esclarece no subtítulo a *Morte e vida Severina*, uma das suas mais conhecidas composições, ser esta um Auto de Natal Pernambucano. Embora regionalizando-a, inscreve-a, dessa forma, na tradição do teatro medieval, ligado aos principais ciclos religiosos. A mesma foi aproveitada em Portugal, no século XVI, pelo considerado criador do teatro português, Gil Vicente” (MALEVAL, 2015, p. 93). E após tecer considerações em torno das origens da tradição do teatro no Ocidente (pp. 93-96) e discorrer sobre os autos natalinos de Gil Vicente (pp.96-102), passa propriamente ao exame do *Auto de Natal Pernambucano* de João Cabral de Melo Neto (pp. 102-110). É então que Maleval dissecou a estrutura de *Vida e morte severina* para demonstrar a medievalidade do referido auto, mas com uma secularização que implica na dessacralização do modelo original e chega a assumir feição política. É que, diz ela, “o Auto de Natal Pernambucano tem um título já por si desconstrutor desse dogma: *Morte e vida severina*. Se a Igreja propugna(va) a ideia de que o que é bom para a carne é ruim para o espírito, levando à conformação dos

trabalhadores que aguentavam no medievo (mas não só) uma sofrida existência, olhos voltados para o galardão a que teriam direito após a morte, nesse Auto pernambucano morte e vida se apresentam como sinônimos, ambas são *severinas*. Pois é sobejamente reiterada a preocupação do autor: criticar os latifúndios, a desigualdade social, a injusta ordem econômica que atinge os moradores do Agreste, da Caatinga, da Mata, etc” (MALEVAL, 2015, p. 103-104). Esta e outras hábeis aplicações comparatísticas são desenvolvidas por Maleval para demonstrar as diferenças entre o modelo medieval do auto vicentino e o modo de auto *crystalizado* por João Cabral de Melo Neto. A propósito, daremos somente mais um trecho deste ensaio onde se pode ler o seguinte: “A distanciamos, o fato de nos autos de Natal vicentinos os cantos serem laudatórios, acompanhados de alegres danças populares, ao passo que para João Cabral só pode haver o riso amargo diante dos males oriundos da injusta ordem sócio-política-econômica” ((MALEVAL, 2015, p. 109).

José William Craveiro Torres, mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, doutorando em Literatura de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pesquisador do GERLIC, em seu ensaio aborda a “relação entre os amantes somente dentro da Poesia lírica de João de Deus, reunida em *Campo de Flores*, pois pretendemos evidenciar, em tal relação, os traços de medievalidade nela presentes. Conforme teremos a oportunidade de mostrar mais adiante, os *resíduos* mediévidicos, na obra de João de Deus, apresentam-se das mais variadas formas” (TORRES, 2015, p. 173-74).

Para atingir seu cometimento, William alinha a crítica brasileira que leu a obra de João de Deus, referindo-se em especial à fortuna crítica provinda de Massaud Moisés, Nalef Sáfydy, Cleonice Berardinelli, Linhares Filho e Raquel de Sousa Ribeiro, todas, que afirmam o caráter residual mediévidico da poesia do grande lírico português.

Na sequência, tece considerações em torno dos termos imaginário, mentalidade, resíduo, residualidade, hibridação, cristalização e intertextualidade, conceitos que possibilitam a aplicação da *Teoria* e do método residualista, e o faz para facilitar a compreensão do leitor, bem dentro do espírito que preside o livro onde figuram as páginas por ele escritas: *Residualidade ao alcance de todos*. Isto posto, passa ao exame específico dos resíduos mediévidicos de *Campo de Flores*, em alguns poemas, nos quais é possível apontar a presença da *coita amorosa*, da *vassalagem amorosa*, a voz do eu poético feminino como nas Cantigas de Amigo, do imaginário cortês medieval, o imaginário caval(h)eiresco trovadoresco.

William conclui seu estudo ressaltando: “O medievalismo na obra de João de Deus, portanto, vai além do trabalho com a musicalidade, como vimos: tal obra representa, em boa medida, uma *cristalização*, ou seja, uma transfiguração das cantigas trovadorescas. Exatamente por isso podemos falar em Neotrovadorismo, ao nos referirmos à Poesia lírica de João de Deus” (p. 191).

Espero haver cumprido, com apenas estes exemplos de leituras trazidas às páginas do livro *Residualidade ao alcance de todos*, o objetivo de início anunciado: a) Dar idéia da produção desenvolvida pelos pesquisadores do GERLIC no que tange aos estudos referentes à Idade Média; b) A forma de trabalho que a *Teoria da Residualidade* possibilita para os pesquisadores brasileiros que não dispõem de fontes primárias medievais; c) Os tipos de “Releituras da tradição medieval” ocorridas durante a atuação dos pesquisadores do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural –GERLIC, ao nosso ver bastante úteis para compreendermos a Idade Média que cronologicamente

não tivemos, a qual indiretamente continuamos a respirar através de tantas manifestações literárias e culturais no Brasil do século XXI.

### Referências:

MACHADO, Ana Maria e Silva. “Os amores compostos de Inês de Castro: entre a literatura e o cinema”. In: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. p. 25-56.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. Rio de Janeiro/Fortaleza. Oficina do Autor/Edições UFC, 1999.

\_\_\_\_\_, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: GERLIC/Expressão Gráfica, 2015.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. “João Cabral de Melo Neto, Gil Vicente e a tradição medieval dos autos natalinos”. In: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. p. 93-110.

MARTINS, Elizabeth Dias. *Do fragmento à unidade: a lição de gnose almadiana*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

\_\_\_\_\_. “Judite: resíduos de um nome”. In: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. 2015. p. 73-81.

NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. “Residualidade e complexidade em Thiago de Mello: a poesia insubmissa dos *Estatutos do Homem*”. In: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. p. 57-71.

NEGREIROS, Almada. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1997.

TORRES, José William Craveiro. “A crítica brasileira em torno da lírica de João de Deus ou acerca dos resíduos mediévidicos de *Campo de Flores*”. In: PONTES, Roberto, MARTINS, Elizabeth Dias (org.). *A residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. p. 173-192.

RECEBIDO EM 31/07/2015

ACEITO EM 20/08/2015